

NOVA TENTATIVA DE BLINDAR ECONOMIA

Brasil

SANDRO LIMA
DA EQUIPE DO CORREIO

No discurso de abertura da reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), o presidente Lula disse que, por causa da crise política, o crescimento econômico deste ano não será “nenhuma Brastemp”, mas será um bom resultado. Ele reiterou aos conselheiros que o processo eleitoral não o fará mudar de comportamento, sobretudo nas questões econômicas. “Eu estou extremamente otimista com a economia brasileira. E quero fazer um alerta aos pessimistas: o resultado deste ano não será nenhuma Brastemp, mas será um bom resultado. E isso aponta para que a gente tenha, em 2006, um ano em que os candidatos já estão na rua, que a economia brasileira não sofra um retrocesso por conta de uma eleição”, disse, usando como referência uma propaganda de geladeiras que há anos caiu no gosto popular.

O presidente recordou que o governo fez um “enorme sacrifício” para conquistar credibilidade internacional na área econômica e que esperava colher este ano o que foi plantado em 2004. Porém, não esperava pela crise política. “Eu acho que nenhum de vocês, e muito menos eu, ou qualquer outro brasileiro, imaginávamos que nós fôssemos entrar nesta crise em que nós entramos; uma crise que somente o tempo vai esclarecer (*quem são*) os culpados”, afirmou.

Segundo o presidente, se houver algum abalo na economia, quem vai pagar é o povo. “O resultado de tudo isso vai ser em cima das costas da parte mais pobre da população brasileira, que não tem para onde correr quando vem um vendaval. Outros certamente terão, mas os pobres deste país não terão”, avaliou. Sobre as críticas às altas taxas de juros, Lula reconheceu a angústia dos empresários, mas disse que não vai intervir porque a taxa é um problema do Banco Central. “O problema de juro é um problema do Banco Central, a política monetária é da responsabilidade do Banco Central; e ele vai cuidar sem que o presidente interfira, porque na hora em que o presidente da República começar a interferir no Banco Central não precisa mais ter Banco Central”, afirmou.

Lula recordou que há alguns anos muitos setores da economia exigiam um câmbio flutuante, mas que agora, com este tipo de câmbio já em vigor, muita gente reclama. “Eu sei que tem gente meio chateada porque o dólar está baixo, mas as pessoas reivindicavam um câmbio flutuante. E o Palocci disse muito bem: o problema do câmbio flutuante é que ele flutua, às vezes para baixo, às vezes para cima”, relatou o presidente.

“O que nós temos que garantir é que a sociedade brasileira, os empresários, os trabalhadores, na sua maturidade, garantam que, em algum momento, esse câmbio vai chegar no ponto de equilíbrio, no ponto justo que interessa aos compradores, aos vendedores, aos tomadores de dinheiro lá fora, aos emprestadores... mas sem que a gente pratique nenhum estupro em nome do desejo de alguns, momentâneos”, afirmou Lula.

FHC ataca

Enquanto Lula discursava no Planalto, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso dizia, em entrevista à Rádio CBN, que acha muito difícil que o presidente Lula não soubesse o que estava acontecendo ao seu redor, em relação às práticas que levaram o país à atual crise política. FHC disse que mesmo os que nunca se iludiram com o PT vivem agora um período de desilusão. “Nos sentimos todos um tanto desiludidos; não é possível terem feito tanta coisa equivocada e ninguém ter percebido. Será que o presidente Lula nunca viu nada? Se ele não viu nada, como é que ele pode ter chegado a ser presidente?”, atacou Fernando Henrique.

GAFES PRESIDENCIAIS

O presidente Lula cometeu algumas gafes no discurso. Ao lembrar que “ontem (anteontem) se comemorou a morte de Getúlio”, teria desejado expressar que “se rememorou” a morte de Getúlio. João Goulart não foi obrigado a renunciar, como disse Lula, mas sim deposto. Seu cargo foi declarado vago, no dia 1º de abril de 1964, antes mesmo que ele seguisse para o exílio no Uruguai. Em relação a Juscelino Kubitschek, o único jornal diário que o chamou de “ladrao” foi a Tribuna de Imprensa, de Carlos Lacerda. E Jânio Quadros nunca usou a expressão “inimigo oculto”, nem “forças ocultas”. No texto-renúncia, escreveu: “Sinto-me (...) esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim (...)”.

Fotos: José Varella/CB



PARA UMA PLATÉIA FORMADA MAJORITARIAMENTE POR EMPRESÁRIOS, LULA FALOU DA CRISE COM DESENVOLTURA E VOLTOU A PROMETER O CRESCIMENTO ECONÔMICO



COM JAQUES WAGNER: MINISTRO ORGANIZOU CERIMÔNIA PARA O DESABAFO DO PRESIDENTE



COM A MINISTRA DILMA ROUSSEFF: COMUNICAÇÃO DAS REIVINDICAÇÕES DO SETOR PRODUTIVO

SANTINHA NA LAPELA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva apareceu ontem pela primeira vez em público com um broche de Nossa Senhora Aparecida. Antes do início da abertura da 13ª reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Lula recebeu o broche de presente de um conselheiro e na mesma hora o colocou na lapela do paletó. Não foi a primeira vez que Lula utilizou broches. Na transição para a posse da presidência e no início do mandato, Lula utilizava um broche com a estrela vermelha do PT. Depois, usou por um bom tempo, principalmente em viagens internacionais, um broche da bandeira do Brasil. (S.L.)